

REENCONTRO
literatura

A lenda de Narciso

Reconto de
Luiz Guasco

Ilustrações de
Carlos Fonseca



editora scipione

Gerente editorial
Sâmia Rios

Editor
Adilson Miguel

Editora assistente
Fabiana Mioto

Revisoras
Gislene de Oliveira
Erika Ramires
Paula Teixeira

Editora de arte
Marisa Iniesta Martin

Diagramador
Rafael Vianna

Programador visual de capa e miolo
Didier Dias de Moraes



editora scipione

Avenida das Nações Unidas, 7221
Pinheiros

CEP 05425-902 – São Paulo – SP

Tel.: (0xx11) 4003-3061

atendimento@aticascipione.com.br

www.coletivoleitor.com.br

2019

ISBN 978-85-262-7181-4 – AL

CL: 736392
CAE: 243044

1.^a EDIÇÃO
9.^a impressão

Impressão e acabamento



Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e de muitos outros profissionais envolvidos na produção e comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros.

Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Guasco, Luiz

A lenda de Narciso / relato de Luiz Guasco; ilustrações de Carlos Fonseca. – São Paulo: Scipione, 2008. (Série Reencontro literatura)

1. Ficção – Literatura juvenil I. Fonseca, Carlos.
II. Título. III. Série.

08-10399

CDD-028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura juvenil 028.5

SUMÁRIO

<i>A lenda de Narciso</i>	4
Duas faces da mesma moeda	9
Um julgamento acertado e um novo castigo	11
A ninfa Liríope	17
Narciso, o filho das águas	20
Amores frustrados	24
Uma caçada malsucedida	26
A ninfa Eco	28
Narciso descobre o amor	31
Epílogo	37
<i>Quem é Luiz Guasco?</i>	40

A LENDA DE NARCISO

As narrativas relacionadas a Narciso, embora variem um pouco conforme a fonte consultada – o que é comum, uma vez que uma mesma lenda pode apresentar várias versões, elaboradas em diferentes regiões da Grécia –, coincidem ao descrever esse personagem como um jovem muito bonito. Sua idade não é pormenorizada, mas os poucos episódios relacionados a ele podem fornecer pistas sobre sua condição e permitir interpretações acerca dos costumes da sociedade que preservaram esses relatos.

Narciso é jovem e belo, mas resiste ao despertar amoroso, recusando todos os pretendentes que a ele se declaram, procedimento que o coloca em uma condição à parte da dos demais humanos. No poema *Metamorfoses*, do poeta romano Ovídio (43 a.C.–18 d.C.), Narciso repele tanto propostas de ninfas (divindades da natureza) como de outros rapazes. Mulheres estão ausentes da narrativa, o que sugere sua reclusão, sua pouca participação na vida social.

O fato de outros jovens se interessarem por Narciso nos coloca diante do comportamento bissexual dos homens gregos, mais tarde codificado nas leis de algumas cidades como um costume consentido, presumível e prestigiado.

Na época histórica de cidades gregas como Atenas e Esparta, a relação amorosa – não exclusivamente sexual, embora o sexo dela fizesse parte – entre um homem e um adolescente tinha caráter iniciático: o adulto transmitia ao adolescente os valores do universo masculino, cujo maior privilégio era a participação nas decisões dos destinos da cidade, direito que implicava a obrigação de defendê-la em tempo de guerra. A relação entre os dois podia durar até que o adolescente se tornasse um jovem adulto (desde que o rapaz não tivesse queixa dos procedimentos de seu parceiro), assumindo seu papel como cidadão. O exame de documentos da época indica que não era vista com bons olhos a continuidade dessa relação amorosa após esse estágio.

É importante lembrar, porém, que um homem adulto, embora se relacionasse por algum tempo com um adolescente – com o

consentimento da família deste – , nem por isso deixava de ter atração e de manter relações sexuais com sua esposa e, eventualmente, com outras mulheres. Embora o que a lenda de Narciso apresente não seja um retrato dessa instituição social, conhecida como pederastia, o fato é que a lenda já foi interpretada como um enredo destinado a alertar os adolescentes sobre o perigo de recusar esse tipo de relação.

De qualquer modo, Narciso rejeita tanto outros rapazes quanto ninfas, o que configura um desvio tanto do ponto de vista social como religioso (esferas indissociáveis, no pensamento mítico), pois alguém que irá se tornar um homem deve se permitir viver as experiências que lhe possibilitarão formar uma família ou, ao menos, gerar descendentes.

No que diz respeito ao âmbito religioso, os deuses são ciosos de seus atributos; não por simples vaidade, mas porque o exercício de suas prerrogativas no mundo, ou a manifestação delas no meio humano, coincide com a expressão de sua existência divina. Por isso, assim como Ártemis vela pelas crias dos animais, pelas crianças e pelos adolescentes, também Afrodite, a deusa do amor e da atração sexual, irrita-se com um mortal que se nega a experimentar o enamoramento e a relação amorosa, pois essa atitude equivale a negar a própria deusa. No enredo de *Hipólito*, por exemplo, tragédia escrita por Eurípides (cerca de 480–406 a.C.), o personagem Hipólito, filho de Teseu, rei de Atenas, insiste em preservar uma postura que não mais lhe compete, dedicando-se à caça, cultuando a deusa Ártemis (que a preside) e gozando de sua companhia, enquanto despreza por completo Afrodite. A consequência dessa atitude é sua destruição: Afrodite faz com que Fedra, sua madrasta, apaixone-se por ele e, quando Hipólito a repele, ela conta a Teseu que seu filho tentou seduzi-la. Teseu resolve punir Hipólito e invoca, para isso, Poseidon, deus que lhe é próximo, e o senhor dos mares provoca um acidente em que Hipólito morre.

A espécie de alienação em que Narciso se permite viver também lhe será fatal. Ao se deter sobre seu próprio reflexo, Narciso se basta, e nega todas as instâncias em que vive um mortal. Seu ímpeto amoroso, dirigido para si mesmo – sem que ele a princípio o saiba –, é uma amarga ironia, um antiamor, pois esse sentimento, na perspectiva